

**16/6/1985**

### **Bóias-frias reformulam tática**

São Paulo — Mais que um movimento de conquista de reivindicações econômicas, a greve de seis dias dos bóias-frias do interior paulista, em maio último, foi o estopim de um amplo processo de renovação do sindicalismo rural em todo o Estado e formação de novas lideranças, sob comando da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de São Paulo (Fetaesp) — entidade apoiada pelo PMDB e com forte influência do Partido Comunista Brasileiro.

O resultado dessa greve — e também da de janeiro e maio do ano passado — já levou à formação de mais de 35 "comissões de greve". Segundo Élio Neves, diretor da Fetaesp e um dos principais líderes rurais de São Paulo. Integradas por bóias-frias jovens e sem experiência arregimentados no calor da mobilização grevista, essas comissões têm a missão de, nas próximas eleições sindicais, constituir chapas de renovação ou oposição ao sindicalismo acomodado que ainda predomina em todo o Estado.

### **Contra Imperialismo**

A renovação de quadros e lideranças no interior é a principal meta político-sindical da atual direção da Fetaesp, presidida por Roberto Horiguti, um moderado no quadro do sindicalismo paulista. O programa de renovação, entretanto, foi concebido e é posto em andamento por Élio Neves, ele próprio um exemplo desta linha. Com 27 anos, Élio é membro do Diretório Municipal do PMDB de Araraquara e dirigente do PCB em São Paulo.

É também presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araraquara e diretor da Fetaesp desde as últimas eleições, no ano passado, quando assumiu a direção do Departamento de Educação Sindical da entidade. Sua proposta de renovação de quadros sindicais no Estado deu ênfase à formação de lideranças em meio a greves e movimentos reivindicatórios, e não através de cursos em salas de aula, orientação que antes predominava na Fetaesp.

"Num movimento grevista, o curso de formação sindical deve ser ministrado em função do próprio movimento. Em qualquer situação que exija organização, mobilização e ação conjunta do sindicato, caberá o curso de sindicalismo" — diz a proposta que Élio encaminhou à direção da Fetaesp em setembro do ano passado.

Ele defendeu a contratação ou colaboração de monitores com conhecimentos de sindicalismo, mas sublinhou que estes "devem estar politicamente engajados nas lutas contra o imperialismo de qualquer espécie e, em nosso caso específico, na luta contra este sistema político e econômico implantado no país, que nos coloca na condição de colonos permanentes e escravos do capitalismo".

### **Mais comissões**

Na esteira da greve de maio último, que atingiu cerca de 80 mil trabalhadores em 28 cidades da região canavieira de Ribeirão Preto, formaram-se as "comissões de greve", cuja atuação não se encerrou com a volta ao trabalho. Hoje elas estão espalhadas por toda a região de Ribeirão Preto, mais as cidades de Catanduva e Rio Preto. Reúnem trabalhadores de cana, laranja e algodão. No ano que vem, segundo a programação da Fetaesp, deverão ser organizadas também nas lavouras de café, especialmente na região de Franca.

A formação dessas comissões tem apoio variado. Na cidade de Serrana, onde a greve foi forte em maio, não havia sindicato de trabalhadores rurais até há 50 dias. Mas o sindicato foi

fundado no início de maio e, 15 dias depois, comandou a greve dos 10 mil bóias-frias da cidade. Um de seus líderes foi o jornalista Flávio do Valle, ex-candidato à Prefeitura local pelo PMDB e politicamente vinculado ao Senador Fernando Henrique Cardoso.

A atuação da Igreja do sindicalismo rural é discreta e não tem apoio dos bispos do interior do Estado. Os dirigentes, entretanto, tem apoio ostensivo do coordenador da Comissão Pastoral da Terra da região de Ribeirão Preto, Padre José Braghetto, figura constante em todas as greves na região de Ribeirão Preto. As reuniões para formação de comissões de greve, com frequência, são feitas em salões paroquiais por interferência do Padre Braghetto.

A necessidade de renovação de lideranças rurais é conhecida como prioritária por dirigentes de diferentes tendências políticas. Tanto pelo diretor da Fetaesp, Vitor Fanta, ex-candidato a prefeito de Araras pelo PT, quanto pelo Deputado estadual Waldyr Trigo, do PMDB, e o Vereador Leopoldo Paulino, do PMDB de Ribeirão Preto e vinculado ao PCB, assessores da Fetaesp.

A Central Única dos Trabalhadores (CUT), vinculada ao PT, tem influência em Guariba, onde o presidente do sindicato, José de Fátima, destacou-se na greve de janeiro último como liderança local em ascensão. José de Fátima, 28 anos, é um exemplo da política de formação de quadros através das "comissões de greve": Ele começou a atuar no movimento sindical quando, sem experiência prévia, integrou a comissão formada às pressas depois que explodiu a primeira greve de bóias-frias de Guariba, em maio do ano passado.

Élio Neves, porém, diz que a formação de lideranças não faz distinções políticas entre os militantes ou entre os bóias-frias. A formação sindical, segundo o plano elaborado pela Fetaesp, conta com apoio de um engenheiro agrônomo, professores cedidos à entidade pela Secretaria de Educação de São Paulo e voluntária vinculadas à ABRA — Associação Brasileira da Reforma Agrária (presidida pelo ex-Deputado Plínio Arruda Sampaio, hoje no PT).

A Fetaesp tem ainda um Centro de Formação Sindical em Agudos, o ITETRESP (Instituto Técnico Educacional para o Trabalhador Rural do Estado de São Paulo), numa área de seis alqueires, com alojamento para 80 pessoas, cinco salas de aula, cozinha e área de lazer. A atual política da Fetaesp, porém, é deslocar os cursos para os próprios sindicatos do interior ou regiões onde haja algum tipo de movimento trabalhista. Em parte graças a essa política, cerca de 80 municípios tiveram greves de bóias-frias nos últimos 12 meses em São Paulo, segundo Élio Neves.

**(Página 16)**